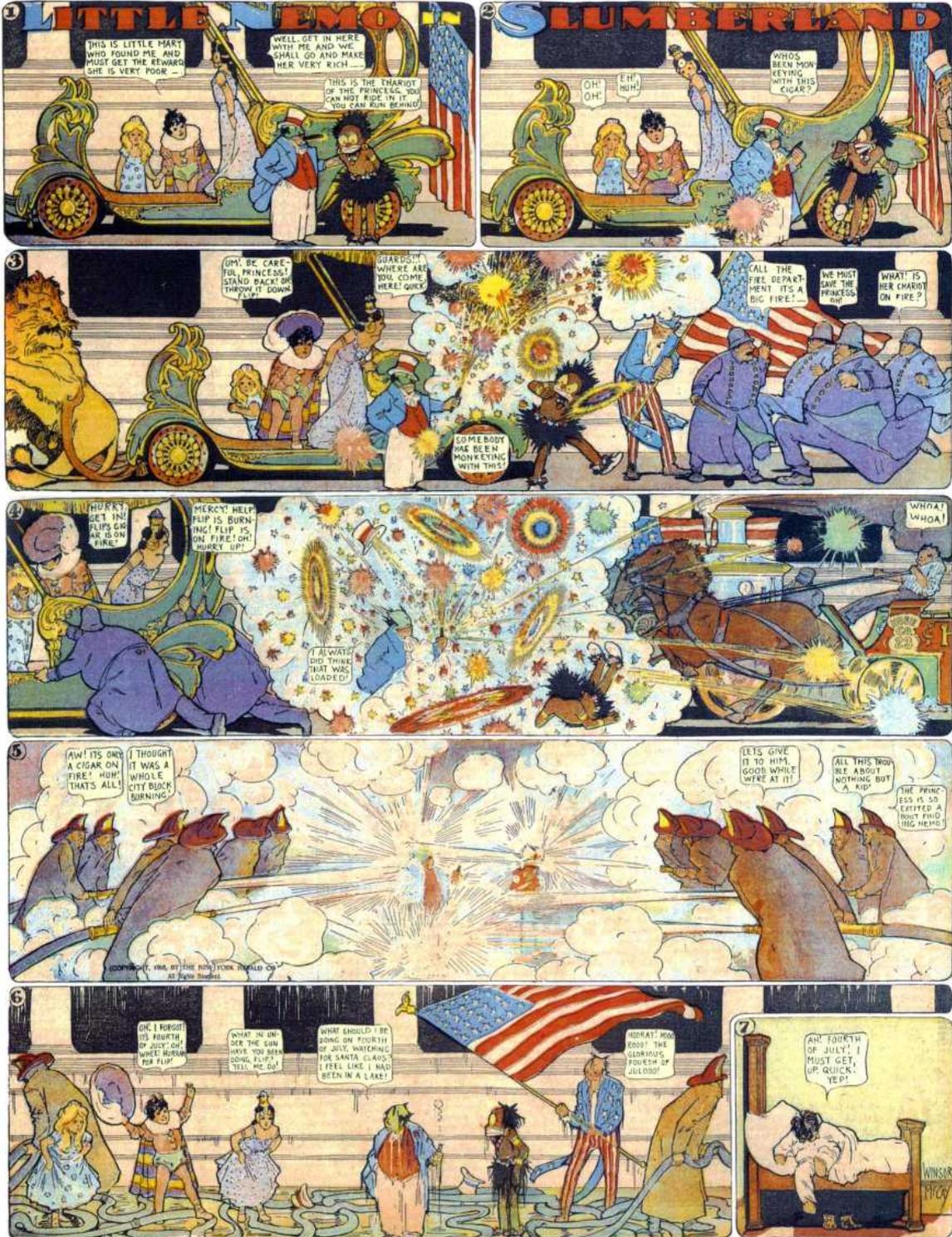


MANDRAKE

Levi Malho
Faculdade de Letras – Univ. Porto



*Mandrake, o Mágico*⁵**Arcanos da infância**⁶

“(...) O Gato, quando a viu, limitou-se a sorrir. (...)”
 --- *Gatinho de Cheshire* --- começou, timidamente, pois não tinha certeza se ele gostaria de ser tratado assim. No entanto, o Gato apenas sorriu ainda mais.
 --- «*Parece-me que ele gostou*», pensou Alice, e resolveu continuar:
 --- *Poderias dizer-me, por favor, qual o caminho que devo tomar para sair daqui?*
 --- *Isso depende muito de para onde quiseres ir* --- respondeu o Gato.
 --- *Não me interessa muito para onde...* --- retorquiu Alice.
 --- *Então, não importa para onde vás* --- disse-lhe o Gato. (...)”.

Lewis Carroll, “*Alice no País das Maravilhas*”.⁷

Agora que tenho o atrevimento de admitir que inicio a descida da “Montanha do Tempo”, sujeito às apneias da “Res Cogitans”, aqueles instantes em que não pensamos em nada e, felizmente, não caímos fulminados por um relâmpago, envolto na minha Cidade que percorro com ritmos recuperados de há meio século, dou-me a reconstituir com surpreendente esforço o tempo em que nem sequer se sabe que “coisa” é essa...

⁵

⁵ - O sonho e a infância, o imaginário, a indiferença entre o possível/impossível e também a beleza, moram na infância. Com 100 anos, o início da Banda Desenhada, tem quase o seu apogeu com o famoso “*Little Nemo in Slumberland*”, publicado em Julho de 1908, por **Winsor McCay**. Às vezes, a perfeição radica de imediato nas “origens”. A imagem foi transcrita de “*The Comic Strip Library*”, cujo endereço WEB é <http://www.comicstriplibrary.org/display.php?id=483>

⁶ - Tenho consciência que é útil e razoável considerar uma grande variação de “imagem” sobre a infância/juventude, pois estas dependem de condições civilizacionais e culturais, para além de circunstancialismos económicos ou outros. Nascer há 600 anos em Florença ou há um mês numa casa junto ao lago em Savonlinna, na Finlândia, escolher um campo de refugiados no Ruanda ou uma barça-casa nos canais de Amsterdam, é susceptível de tudo alterar quanto ao hipotético Futuro.

Mas não é só a Geografia e a História que contam! É também a concepção filosófica sob a natureza do “fundo arcaico” do *Homo Sapiens*. Existem inúmeras possibilidades, para além da imagem “terna” do *bom selvagem* de Rousseau e infância/juventude não são desprovidas de violências e crueldades inquietantes.

A propósito, relembro um dos marcos da Literatura do séc. XX, a obra editada em 1954, do Nobel Britânico (1983) William Golding, “*Lord of the Flies*” (“*O Senhor das Moscas*”), que concretiza uma leitura bem cruel do que pode acontecer nas relações humanas dum civilizadíssimo grupo de jovens que, por acidente, são abandonados à sobrevivência numa ilha.

⁷ - Lewis Carroll, “*Alice no País das Maravilhas*”, trad. do inglês por Ana Ribeiro, QuidNovi, Lisboa, 2008, p. 59.

Esbaforido, transpirando e arfando, pião no bolso, encontro-o a recolher musgos para um presépio de Natal ou para uma cascata de S. João que, para a mais luminosa infância, a beleza está nas figuras que a mente põe a viajar e não no Santo ou Divindade superior que as patrocina!

Nem sei se me achava profundamente feliz, muito para lá da pobreza ou riqueza, pois nem sequer sabia que não éramos eternos e que a crueldade, o sofrimento por cá andam há milénios, coisas assim. Quer dizer, plenamente abençoado pela benevolência que divindades ocultas sempre concedem em ilimitada dose a todos os que, vindos da Noite e do Nada, acabam de abrir os olhos à luz.

E é esse o meu primeiro espanto neste instante. Reconhecer, após tantos anos, que a Roda da Fortuna, quando se lança ao caminho, concede-nos vários “favores” que, por nem neles então pensarmos, consideramos banais e pronto, nada a dizer.

O primeiro de todos é a capacidade de nos situarmos no “Instante”, no aqui e agora, sem demasiado Passado e ausentes da “pré-ocupação” do Futuro. E o Instante é quase tão paradoxal como a Eternidade, local onde tudo se anula, zero e infinito se confundem. Cada vez mais me convenço que a crescente sensação, por aí tão vulgarizada, de o Tempo “passar depressa”, resulta da lastimável lamúria de o não aproveitarmos, ou pensarmos demasiado nele, o que vem a dar quase ao mesmo.

Cronos, deus arcaico e violento, feixe de paixões e turbulências abissais, devorador dos seus filhos, farto de tantos queixumes dos mortais, retalia, dizendo:

— *Ah! Então “passo” depressa! Muito bem. Assim sendo, não estou aqui a fazer nada e vou-me embora de vez...*

Bem sei que o arquipélago da infância e as águas que o rodeiam são o grande lago onde voga uma profunda “acronia”, entendendo o neologismo como “indiferença ao Tempo”, o que me leva a achar peculiar e típica dos “crescidos” a clássica representação do “Ano Velho” como um alquebrado ancião sobre o qual cintila a foice dum dos Cavaleiros do Apocalipse, enquanto ao lado espreita, entre berços e linhos, o olhar puro e limpo de todos os recomeços.

Isto penso quando evoco a capa de “*A Sombra do Vento*”, o inesquecível romance do Catalão Carlos Ruiz Zafón, onde um miúdo de calções corta as névoas imóveis numa hora insólita, de mão dada com o melhor da humanidade.

Confesso que quase sinto essa madrugada e deixo-me levar pelo Porto, cidade minha, então varrida por grandes silêncios na manhã, candeeiros de esmalte que tremeluzem na fronteira das trevas, depois raros eléctricos, primeiros pregões a ecoar nos granitos, calor de fogões a lenha, chaminés que deitavam fumo a sério, enorme caleidoscópio que compunha pessoas, gatos, cães, insectos, legião de bicharada que ia dos burros que puxavam carroças de leites, azeites e óleos, ou coisa que o valha, até ao Jardim Zoológico ao domicílio que periodicamente atravessava a Cidade pela mão e, sobretudo, pela cabeça de estátuas vivas de Henry Moore, aquelas mulheres com roupas semi ltuosas, protegidas por aventais coloridos, grande cesta coberta com uma cúpula de rede, onde cacarejavam galinhas, esperneavam perús, grasnavam patos, saltitavam coelhos, no espaço de conforto correspondente à actual felicidade que nos prometem os nebulosos anúncios de “lofts” em promoção, com vista privilegiada para o Inferno.

Sei que depois, ou antes, era alta a Primavera, talvez Maio. Tempo dos grilos, da habilidade em os convencer com pequenas palhas e outros apelos a abandonarem pequenos orifícios sob um tufo de ervas, guardá-los de imediato numa caixa de fósforos das grandes, alimentando-os a folhas de alface de incerta proveniência, sob as ameaças do Mundo dos Adultos:

— *Quem trouxe o maldito grilo??? Toda a noite, nesta casa desgraçada, cri-cri-cri, cri-cri-cri, horas a fio!! Ou “o calas” ou vai pela porta fora. Vai o grilo e a seguir vais tu!!!...*

Reparo hoje, com espanto, que quase tudo o que fazia era grátis, permanente oferenda do Mundo, quase desconhecia o dinheiro, a riqueza era a rua, os vizinhos a não nos largarem de vista, terrível sistema de espionagem, a fazer-me acreditar que, mesmo após prolongada devassa dos horizontes, ficava sempre com a suspeita ou melhor, a certeza que, algures, sobre uma nuvem, num ramo de limoeiro, à sombra dum arbusto, era implacavelmente vigiado.

Com sorte, havia um livro que alguém tinha, uma história contada oralmente, títulos como aparições, “Branca de Neve”, “Três Porquinhos”, “Gato da Botas”, um caderno para colorir, toda a riqueza do mundo no bolso dos calções, dois berlines de vidro, umas cápsulas de refrigerante “Buçaco”, um pedaço partido de tijolo com que se marcava o chão para os jogos.⁸

⁸ - Recupero aqui, quase com surpresa, o motivo que me levou a tomar nota dum texto poético, perdido na multidão dos transportes públicos e que cuidadosamente aponte no caderno que frequentemente me acompanha para emergências como essa! Tratava-se duma louvável iniciativa que se abrigava em cartazes de manifesto bom gosto, colados no “Metro do Porto” (*Poemas no Metro* junto aos painéis cinzentos que se posicionam junto às portas de entrada/saída).

Provavelmente tudo isto não é nada assim. A verdade é colorir a nascente do Rio que somos e é bem certo que “*Past is a lost country*”!

Reparo agora, estupefacto. Do outro lado da rua onde me encontro, encostado à velha porta que dá para o quintal, se encontra, enferruscado, mas luminoso e sorridente, o Horácio ou, melhor ainda, como a Mãe o chamava, o “*Horacinho*”. Como é possível?

Mas não me é permitido duvidar, ouço claramente o seu grande riso, gestos ligeiros, voz entre o esganiçado e a promessa dum “galaró”.

--- *Então? Vamos ou não vamos brincar???*

— *E ainda esta tarde temos de montar guarda à casa abandonada e ir às ameixas, enquanto a mãe está na loja.*

Peço desculpa, mas tenho de ir! Já, já. Nada há de mais urgente.

Enquanto corro para a Liberdade, aqui vos confesso, por especial carinho, que enquanto o Diabo esfrega um olho, me transformei em Mandrake, o Mágico.

O texto profeticamente se adapta ao milagre de todas as infâncias, “*ars combinatoria*” que se repete pelos séculos dos séculos.

O Poema é da autoria de Lawrence Sail, nascido em Londres (1942) e intitula-se “*TIDAL*” e a tradução da versão portuguesa é de Ana Maria Chaves. Reproduzirei aqui as duas versões (inglês/português), tal qual as copiei na viagem entre as estações da “*Casa da Música*” e “*Pedro Hispano*”, onde saí. Espero que me seja perdoado, como simples Leitor, sem qualquer competência poética específica, declarar o quanto *me tocou* este texto.

TIDAL

The water slides back from the drowned river,
It's shivering cargo of vineyards, bridges
And cities bound for the sea's bitter mill ---
Then returns, blank with surface sun
Or darkly puckered, as primed for the Future
As any new hope, or an uplands Spring.

MARÉ

Esgueira-se a água do rio inundado,
Levando a sua carga tiritante de vinhedos, pontes
E cidades rumo ao vaivém triturante do mar ---
Mas logo volta, branca e espelhada de Sol,
Ou sulcada de sombras, tão pronta para o Futuro
Como a esperança ou uma nascente a brotar.